

O CLICHÊ NA POÉTICA DE MANUEL BANDEIRA

Maria Helena Camargo Regis *

Um assunto muito estudado pelos formalistas russos, sobretudo na fase inicial, foi a penetração de fenômenos extraliterários na criação literária.

Tinianov mostra, por exemplo, que toda obra literária se organiza como uma dupla rede de relações diferenciais: textos literários preexistentes e sistemas de significação não literários, como as linguagens orais.

Mais tarde, a concorrência de discursos heterogêneos é examinada por Bakhtine, na obra de Rabelais e de Dostoiévski. O teórico russo estuda a estrutura carnavalesca reproduzida, em nível ficcional, na obra desses autores.

A elaboração da teoria do romance polifônico é aproveitada por Kristeva, que amplia a idéia de Bakhtine, relacionando os diferentes discursos do romance com a "parole" social.

Para ela, a criação literária capta, não só o que autor lê, mas todos os textos falado na sociedade, que é também um conjunto de textos.

Laurent Jenny tem outra proposta: admite intertextualidade somente quando aparecem elementos anteriormente estruturados, além do *lexema*.

Na realidade, a percepção de um texto no outro está, em grande parte, na dependência da época em que é feito, e da cultura e sensibilidade de quem o lê.

A poética da Renascença, cuja principal proposta era a imitação, convidaria a uma leitura dupla do texto, e à descoberta de seu relacionamento intertextual com modelos antigos.

Não é o que acontece com a intertextualidade na poética moderna, em geral, cujas proposições são a crítica e a renovação.

Na poética de Manuel Bandeira, por exemplo, a intertextualidade, quer se faça com textos literários, quer com textos coloquiais, é crítica e renovadora. De modo geral, quando adota textos literários de outros, é para mostrar sua oposição, implícita ou explícita, a estes mesmos textos. O mesmo acontece quando usa formas estereotipadas da fala e da linguagem popular. Aproveita as formas fixas, codificadoras de aspectos polares dos seres e dos fenômenos, mas modificando-os e revitalizando-os.

A mistura de estilos, pronunciada já nos primeiros livros; a poetização do cotidiano, as estilizações e paródias de outros textos, literários ou não, abrem o texto poético de Bandeira, a uma leitura múltipla em que desempenha função importante ou clichê.

* Prof.^a Titular da UFSC.

Sabemos que intertextualidade não é coisa nova na história da poética. Ocorre periodicamente e não há acordo entre as explicações que são dadas para sua existência.

Uns lhe dão justificativa psicológica. O criador literário seria levado por uma necessidade psicológica a modificar os modelos, pela invenção de novos fragmentos, ou pela ruptura com os estilos e obras anteriores.

McLuhan procura explicar a intertextualidade, não pela psicologia do criador literário, mas pela evolução dos "meios". Para ele, a memória literária se relaciona diretamente com a capacidade de memorização dos meios de comunicação. Assim é que explica a acentuada intertextualidade durante a Renascença e o Século XX.

Laurent Jenny diz que a interpretação de McLuhan é mecanicista, e esvazia a intertextualidade de sua significação ideológica, não levando em conta a finalidade crítica e inovadora da intertextualidade.

Tem-se observado que os textos mais fortemente estereotipados são os que mais se prestam à intertextualidade. Assim é que, na obra de Bandeira, ocupa lugar importante o clichê; tanto o literário quanto o coloquial.

Na língua literária, o clichê surge como decorrência das imposições feitas a respeito do vocabulário, do tom, das estruturas, e, portanto, da idéia de estilo, e de imitação como critérios de valor. E é, paradoxalmente, isto que Bandeira quer criticar, quando usa o clichê literário. Mas não é deste que vamos tratar especificamente hoje.

Toda representação verbal recolhe da realidade certos aspectos, e esta seleção se torna geradora de estereótipos, por motivos óbvios, formando-se assim, os clichês da linguagem popular.

O clichê literário na poética de Bandeira, em geral critica o texto romântico e o parnasiano. O coloquial critica a poética tradicional, na medida em que esta exige a propriedade estilística ou a separação entre os estilos.

À primeira vista, o clichê, por pertencer a um grupo sócio-cultural, não caberia no conceito de estilo individual da língua; todavia, pode tornar-se fato de estilo o modo como o clichê é tratado numa obra.

A expressividade do clichê vem sobretudo do contraste que se cria entre sua fixidez e o contexto diferente em que aparece. Deste modo é reavivada sua ambivalência funcional. Parece integrar-se ao texto novo mas, ao mesmo tempo, sugere que é autônomo por fazer parte de outro texto.

Apesar de se caracterizar por sua fixidez, o clichê pode ser modificado, contanto que continue a ser reconhecível. Por ser máxima a previsibilidade, qualquer modificação do clichê leva a um contraste muito acentuado. As substituições obrigam o leitor a uma decodificação dupla, tornando o uso do clichê modificado, a se adequar, tanto à linguagem poética quanto à humorística.

A nosso ver, a composição "Poema para Santa Rosa" (Belo, Belo p. 282) pode servir de exemplo de estruturação poética que se faz à custa de clichês literários e

não literários. E também serve para explicar as funções exercidas por esses clichês na obra de Bandeira:

1. Pousa na minha, a tua mão, protonotária.
2. O alexandrino, ainda que sem a cesura mediana, aborrece-me.
3. Depois, eu mesmo já escrevi: Pousa a mão na minha testa.
4. E Raimundo Correia: "Pousa aqui, etc."
5. É pouso demais. Basta Pouso Alto
6. Tão distante e tão presente. Como uma reminiscência da infância.
7. Pousa na minha a tua mão, protonotária.
8. Gosto de "protonotária".
9. Me lembra meu pai.
10. E pinta bem a quem eu quero.
11. Sei que ela vai perguntar: — O que é protonotária?
12. Responderei:
13. — Protonotário é o dignatário da Cúria Romana que expede, nas grandes causas, os atos que os simples notários expedem nas pequenas.
14. E ela: — Será o Benedito?
15. — Meu Bem, minha ternura é um fato, mas não gosta de se mostrar:
16. É dentuça e dissimulada.
17. Santa Rosa me compreende.
18. Pousa na minha a tua mão, protonotária.

Os clichês literários são representados: a) por um estereótipo formal, que é o alexandrino (v. 1); pelo vocabulário, estrutura sintática e pelo tom, pertence a estilo retórico; b) pelo verso 3 que pertence a um outro poema do próprio Bandeira; c) por um verso de Raimundo Correia (o 4.); d) pelo verso 13, que é também em linguagem formal, e representa um verbete de dicionário.

Dá-se alternância entre o altamente formal dos clichês retóricos e o informal dos comentários, em linguagem coloquial, muitas vezes constituindo clichês também. Assim acontece: a) com a expressão de circunstância "depois" e que faz parte do comentário informal; b) com os comentários que formam os versos 5, 10 e 14.

Os versos 15 e 16 que nos pareceram herméticos, depois se transformaram numa confissão, ainda que velada e enigmática. E passaram a ser a chave da interpretação do poema, na leitura que dele fazemos. Serviram também de orientação no desvelamento de uma das funções exercidas pelo clichê na obra de Bandeira.

Os dois tipos de clichê: o literário e o popular representariam a "ternura dentuça e dissimulada". É que eles são salientes pela sua marcada fixidez. E ainda encobre, distarçam, porque ao usar os clichês o poeta reparte a responsabilidade do que diz, dado que o clichê, de certo modo, é o discurso de outro. Por este meio, o sentimental é apresentado, mas não pode ser propriamente atribuído ao poeta.

De outra parte, o clichê popular, especificamente, é em geral, o comentário a um clichê literário ou a um verso do próprio poeta, e resulta em humor ou ironia, que funcionam como atenuantes do lirismo.

Este é um procedimento que se repete na poética de Bandeira. Toda vez que um poema se inclina para o emocional, lá vem um clichê, um comentário irônico para disfarçar.

Encontramos nas composições poéticas de Bandeira, funcionando como estereótipos da oralidade, expressões em que o preenchimento da unidade estrutural é feito pelos dêiticos. Temos um exemplo no poema "Maísa", (Estrela da Tarde, p. 342) que é também mimese da criação poética:

1. Um dia pensei um poema pra Maísa
2. "Maísa não é isso
3. Maísa não é aquilo
4. Como é que Maísa me comove e me sacode, me buleversa, me hipnotiza?
5. Muito simplesmente
6. Maísa não é isso mas Maísa tem aquilo
7. Maísa não é aquilo mas Maísa tem isto
8. Os olhos de Maísa são dois não se qué dois não sei como diga
(Dois Oceanos Não-Pacíficos
9. A boca de Maísa é isto isso e aquilo.

No poema "Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá" (Estrela da Manhã, p. 229) em harmonia com as repetições ternárias, básicas no ritmo e no significado, há três frases esterotipadas, para uma situação desalentadora, ao lado de um verso chichê de Luis Delfino:

15. Se a segunda casasse, eu ficava satado da vida, dava pra beber
e nunca mais telefonava).

Ao contrário do que ocorre no poema acima, em que o clichê popular se salienta pela oposição ao literário, no poema "Excusa" (Belo Belo, p. 273), o clichê aparece como algo perfeitamente integrado ao texto poético, repleto de estruturas coloquiais:

6. Como o pão que o diabo amassou.
7. Bebo leite de lata.
8. Falo com A. que é ladrão
9. Aperto a mão de B que é assassino.

No poema "Satélite" (Estrela da Tarde, 316) aparece o clichê da linguagem e filosofia marxistas:

17. Fatigado de mais-valia.
18. Gosto de ti assim:
19. Coisa em si.
20. — Satélite.

Com o clichê "mais-valia", o poeta parece criticar, não só o jargão econômico, mas os excessos do romantismo ao falar da lua; copõe ao estilo romântico, o seu, enxuto

Os clichês constituem litote no poema "Peregrinação" (Estrela da Tarde, 326), isto é, dizem menos para dizer mais:

5. Fazia as sobancelhas como um til;
6. A boca como um o (quase). Isto posto,
7. Não vou dizer o quanto a amei. Nem gosto
8. De me lembrar, que são tristezas mil.

Os clichês dos versos 6,7 e 8 fazem parte, ora do 'rejet,' ora do enjambement, e por este meio é desautomatizada a percepção, diminuindo o grau de previsibilidade, próprio da expressão estereotipada.

Uma técnica comum na poética de Bandeira para revitalizar o clichê é transformá-lo; é o que acontece em "Canção para a Minha Morte" (Estrela da Tarde, 356):

7. De amor tive na vida
8. Quanto amor pode dar:
9. Amei não sendo amado.
10. E sendo amado, amei.

No poema "Depois de Minha Morte" (Estrela da Tarde, 356), a previsibilidade do clichê é destruída pela presença de elementos inesperados:

6. Isto feito me abismarei na contemplação de Deus e de sua glória
7. Esquecido para sempre de todas as delícias, dores, perplexidades
9. Desta vida de alguém-túmulo.

Em "Agradecendo uns Maracujás" (Matuá do Molungo, p. 398), a expressão feita, "maracujá de gaveta", entra, por meios oblíquos, dado que a palavra maracujás só aparece no título:

1. Estes não são de gaveta.
2. Estes são do Maranhão.
3. Não do Maranhão Estado.
4. Mas do Maranhão poeta.

O clichê "anjo caído do céu por descuido", levemente mudado, estrutura o poema "Louvado e Prece" (Matuá do Molungo, p. 433):

1. Isabel querida
2. — A menininha,
3. Mais bonitinha,
4. mais engraçadinha,
5. mais bizurunguinha
6. que eu já vi na minha vida
20. É mais: um anjinho
21. muito serozinho
22. caído do céu,
23. por descuido, com
24. uma bonequinha
25. loura e coradinha
26. nos braços. Que bom
27. que é um anjo fresquinho
28. caído do céu!

Depois de termos dado um ou outro exemplo de clichê na poética de Bandeira, tentaremos indicar algumas das funções exercidas, principalmente pelo clichê popular, de que mais nos ocupamos.

A primeira função seria de ordem estético-literária: o uso do clichê indicaria que qualquer tipo de linguagem pode ser poética.

De outra parte, o clichê seria um modo peculiar de fazer aparecer o contexto extraverbal, já que o clichê representa a cultura. Representaria também a oposição e a reconciliação do individual e do social. Pela modificação do clichê, pela sua colocação num contexto diferente, aparece o individual. Pela mimese do estilo de outros autores, de outras épocas, aparece o social.

Às vezes o clichê tem função humorística ao lado da poética, pelo contraste criado entre a linguagem literária e a quotidiana, ou pelo inesperado da mudança no padrão estereotipado.

Por se tratar de forma poética, para dar viço a uma forma já fossilizada como é o clichê, o autor se serve principalmente do ritmo: ora é o enjambement que divide o clichê, ora uma pausa inesperada.

Simetrias e assimetrias, mudanças entonacionais, repetições nuançadas enriquecem o ritmo e revitalizam o clichê.

A poética de Bandeira, ao adotar o clichê leva o homem que, desde a invenção da imprensa vem perdendo sua individualidade, a formar, por meio do próprio clichê, aquilo que McLuhan chama de anti-ambiente ou consciência. Assim, o homem seria levado a ver aquilo que já se tornara imperceptível, a custa de ser repetido.

E, por último, vemos, conforme já dissemos de início, no uso do clichê, um dos recursos da obra poética de Bandeira, para chegar a um lirismo contido, embora, muito denso.